

**ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE CRÍTICA TEXTUAL,
CRÍTICA LITERÁRIA
E RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAIAS CAMINHA,
DE LIMA BARRETO**

Ceila Ferreira (UFF, ABRAFIL)
ceilamaria@hotmail.com

A tristeza, a compressão e a desigualdade de nível mental do meu meio familiar, agiram sobre mim de um modo curioso: deram-me anseios de inteligência.

(Lima Barreto)

RESUMO

Este artigo é o texto - com algumas pequenas modificações - da palestra que proferi na reunião da Academia Brasileira de Filologia, ocorrida em 24/11/2011. Ele versa sobre a importância da Crítica Textual para o reexame e a valorização do trabalho autoral, no caso, de Lima Barreto e da obra *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*, a partir da realização de uma edição crítico-genética da obra aqui citada, que está sendo realizada pela autora deste artigo, a partir de um convite e sob a coordenação da Professora Carmem Negreiros (UERJ) - que também participa da edição com um ensaio de crítica literária sobre o *Isaias* e com participação na organização do volume. Participam também da preparação da edição crítico-genética as pesquisadoras Patrícia Teixeira, Mestre em Literatura Brasileira pela UFF, e Marina Mello, aluna de graduação em Letras da UERJ.

Palavras-chave:

Crítica textual. Crítica literária. Edição crítico-genética. Literatura. Romance.

Com essas palavras ritmadas, com sonoridade cuidadosamente estruturada, contribuindo forma e conteúdo para expressar a tentativa de superação de uma atitude de contenção do ser em favor do movimento de sua expansão por meio da escrita de recordações de fatos, de atitudes, de sensações, de percepções, de sentimentos, todas elas ligadas às dificuldades das relações humanas e à luta contra preconceitos de várias ordens, no esforço de compreender o que fez com que o menino Isaias se transformasse no Escrivão Isaias Caminha, assim como o que levava (e leva), aqui neste país, a muitas pessoas a não conseguirem desenvolver o seu potencial, tem início o primeiro capítulo da 2ª edição do romance: *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*, de Lima Barreto.

As palavras aqui citadas do início do romance, objeto deste trabalho, assim como outras que formam muitas das passagens escritas por

Lima Barreto, têm musicalidade acentuada. Lembro-me então de Gilles Deleuze, quando diz que a grande literatura se assemelha à Música. Diz ainda o filósofo, em *O Abecedário de Deleuze*, que os grandes escritores criam “perceptos”, que são conjuntos de sensações e de percepções condensadas em imagens que não precisam mais da presença de quem as sentiu ou as percebeu para continuarem a serem sentidas e percebidas, pois foram eternizadas por seus autores até que não existam mais seres humanos capazes de compreendê-las (ou como diríamos nós, críticos textuais, até que surjam variantes de terceiros que afastem o texto autoral de seus leitores).

E falo aqui em termos ligados à música, à pintura e à própria filosofia, pois a literatura, que a todas elas irmana e aproxima, tem, na crítica textual ou filologia, um passaporte para a posteridade, que preserva, na sua teoria e na sua prática, o aspecto dialogal que caracteriza o texto literário.

A edição crítico-genética, um dos trabalhos que podem ser desenvolvidos pelos críticos textuais ou filólogos e que espelham em suas páginas o caráter multidisciplinar da área, leva o texto autoral final aos leitores, além de também apresentar etapas do processo de criação da obra, objeto da edição, mostrando parte significativa desse processo, como também de marcas da transmissão de edições que formam a sua tradição direta, sem esquecer os paratextos. Essa explicação de edição crítico-genética se adequa ao universo do que Ivo Castro chamou de crítica textual moderna, aquela que trabalha com originais presentes. E é preciso aqui abrir parêntese explicativo, pois a palavra original tem pelo menos duas acepções em crítica textual: uma, a de manuscritos autógrafos; outra, a de texto final. No caso de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, estamos inseridos no universo da crítica textual moderna, porque contamos com originais nos dois sentidos acima citados e estamos trabalhando com eles.

A respeito de edição crítico-genética e de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, estou preparando, a partir de um convite da Professora Carmem Negreiros, da UERJ, uma edição crítico-genética do referido romance de Lima Barreto. Nessa tarefa, conto com a ajuda de Patrícia Teixeira, mestre em literatura brasileira pela UFF, e de Marina Mello, aluna de graduação em letras da UERJ.

Esse projeto, em vias de conclusão, é coordenado por Carmem Negreiros, que também está terminando um ensaio de crítica literária que

fará parte da edição crítico-genética. Tal edição será constituída por uma introdução geral assinada por Carmem e por mim; uma introdução crítico-filológica de minha autoria; o texto crítico de *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*, com notas do editor crítico, acompanhadas de comentários exegéticos e de informações relativas ao início e ao término das páginas do manuscrito nas suas primeiras dez páginas apógrafo e nas restantes, autógrafo, pertencente ao acervo da Seção de Manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional-RJ; um capítulo intitulado atualizações gráficas, em que são arroladas as mudanças de grafia contidas no texto crítico em relação ao texto-base; um aparato crítico, construído por Patrícia Teixeira e Marina Mello, a partir do cotejo da *Revista Floreal* com a 1ª edição do romance em livro e com o texto crítico supracitado; um aparato crítico-genético, preparado por Patrícia, por Marina e por mim, que expõe o resultado do cotejo do já mencionado manuscrito com o texto crítico, além de descrever as folhas do manuscrito e trazer a público – quando possível – uma leitura das partes que foram rasuradas, substituídas ou suprimidas pelo autor. Também farão parte da edição o ensaio de crítica literária escrito por Carmem Negreiros e as referências bibliográficas de todo o trabalho. Contudo, a ordem em que tais capítulos aparecerão na edição crítico-genética ainda será discutida por Carmem e por mim.

Quanto à concepção de edição crítica, baseada na crítica textual moderna, que dá corpo tanto teórico quanto prático ao trabalho que estamos realizando, ela é constituída principalmente a partir da leitura de *Editar Pessoa* e de *Enquanto os escritores escreverem* (situação da crítica textual moderna), de Ivo Castro; das edições das Obras de Eça de Queirós, coordenadas por Carlos Reis, especialmente a de *A Capital!*, cujo editor crítico é Luiz Fagundes Duarte. É claro que outras leituras e outros ensinamentos estão presentes na edição que estamos concluindo, e a todos eles agradeço, mas todos eles convergem para o entendimento de que uma edição crítica deve levar, às vistas dos leitores, parte significativa do trabalho autoral e editorial que constituem os textos que formam aquela obra, além de libertar dos grilhões do esquecimento testemunhos que enriquecem o trabalho autoral e mais: deve legar à posteridade parte significativa da história da transmissão daquela obra. Tudo isto está presente também nas leituras aqui citadas e nos ensinamentos colhidos a partir da leitura de trabalhos de Maximiano de Carvalho e Silva e de Edwaldo Machado Cafezeiro, assim como a partir de conversas com esses eméritos professores. De Cafezeiro, também lembro aqui o alerta de que uma edição crítica, num país como o nosso, onde poucos têm acesso ao ensino

formal de qualidade, deve ter o texto crítico, no caso de textos publicados pela primeira vez no século XX, formado a partir de uma transcrição crítica atualizada do texto base.

E a edição que estamos concluindo é um exercício de valorização do trabalho autoral e de recuperação de dados acerca da historicidade da transmissão de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*.

Quanto ao texto que foi escolhido como base, ele é o da 2ª edição em livro, publicada em 1917, por A. de Azevedo & Costa, pois foi o último editado em vida do autor e também traz uma errata que diz que Lima Barreto e um amigo dele, Lício Barbosa, fizeram a revisão daquela edição do *Isaías Caminha*.

Vale lembrar que *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* teve, em vida de seu autor, uma edição de seus primeiros capítulos, em 1907, na *Revista Floreal*, dirigida por Lima Barreto, a mesma que recebera um elogio do prestigioso José Veríssimo, mas que não teria vida longa; uma primeira edição em livro, publicada em Lisboa, em 1909, pela Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira & C e uma segunda edição em livro, com duas tiragens: uma pela Tipografia Revista dos Tribunais e a outra por A. de Azevedo, & Costa Editores.

A edição feita em Lisboa teve o acompanhamento do escritor português Albino Forjaz de Sampaio, que fez alterações no texto autoral, algumas delas citadas na biografia de Lima Barreto, de autoria de Francisco de Assis Barbosa, o qual utilizou, como fonte primária de pesquisa, para fazer tais citações, uma carta do autor do *Isaías Caminha* ao editor da 1ª edição, A. M. Teixeira. Nessa carta, Lima Barreto se queixa de algumas das modificações feitas por Forjaz de Sampaio e a leitura de suas queixas nos mostra um autor com amplo domínio do fazer literário e conhecimento invulgar acerca do sentido e do alcance que as palavras podem ter. Leiamos algumas dessas queixas, acrescidas de explicações de Francisco de Assis Barbosa, a partir da citação presente na biografia acima citada:

Na página 46, quando se fala em Francisco Otaviano, penso que “altruísmo” não é próprio. Eu queria sobretudo aludir à sua graça, ao seu espírito ateniense; eram qualidades de inteligência e não morais o que aquela palavra [aticismo] supõe.

Na página 53, eu teria deixado como está no original e muito menos teria trocado a frase – ‘de sensibilidade pronta a fatigar-se com o espetáculo familiar’ – pela que está lá [O revisor substituíra por “pronto a fatigar-se com o espetáculo divino”].

Círculo Aluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Na página 92, eu teria continuado a dizer: “o rolar dos veículos mais rondo e mais dissonante o ranger” etc. É uma impressão visual que se pode ter de um fenômeno acústico – coisa legítima como o senhor sabe. [...] (ASSIS BARBOSA, 1964, p. 161)

Ainda sobre a edição de 1909, podemos dizer que ela não contou com a revisão integral de Lima Barreto e que, por tal edição, ele não recebeu dinheiro em espécie, mas alguns exemplares daquela publicação.

Assim como as duas tiragens da segunda edição, a de 1909 apresenta vários erros tipográficos que prejudicam a leitura da obra. Contudo, a segunda edição, além desses erros, apresenta um salto que dificulta o entendimento do texto. Vejamos o salto:

O caes estava agitado e concorrido. O Congresso estava a fechar-se, partia um paquete para o Norte e os congressistas começavam a fugir. Os magnatas: ministros, juizes, coronéis, ricaços, engrossadores com as a senhora; mas a fidalga insinuara-se no grupo das filhas de Ávila [...] (LIMA BARRETO, 1909, p. 182-183)

Na edição crítico-genética que estamos preparando, essa passagem foi corrigida a partir do manuscrito, nesse trecho, autógrafo, e a partir da edição de 1956. Inclusive, algumas das correções ou emendas que fizemos ao texto-base têm como fonte a edição de 1956 que, aliás, das edições publicadas após a morte do autor, é uma das mais importantes.

Com prefácio de Francisco de Assis Barbosa e com a preparação do texto sob a responsabilidade de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença, a edição de 1956 teve também o grande mérito de valorizar, por meio das palavras de seu organizador, a obra de Lima Barreto, vítima de preconceitos em relação à sua vida e ao conjunto de seus livros, principalmente em relação a *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*, um romance corajosamente crítico acerca dos que promovem e protegem os círculos de poder no Brasil.

Francisco de Assis Barbosa, organizador da edição das obras de Lima Barreto, publicadas em 17 volumes, escreveu, como foi dito anteriormente, uma biografia do autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. As páginas escritas por Assis Barbosa chamam a atenção para dificuldades que o escritor encontrou para publicar seus textos, inclusive *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*.

Acerca dessas dificuldades, lembramos, tendo como base a referida biografia, que, para a primeira edição em livro, Lima Barreto não encontrou editor no Brasil e que para publicar a segunda edição teve que

pedir empréstimo a agiotas. Apesar do esforço para concretizar tais publicações, elas apresentam numerosos erros que comprometem a sua qualidade editorial, o que, acreditamos, contribuiu para atrapalhar a formação de uma fortuna crítica favorável a *Recordações* e a seu autor. Tal fortuna crítica também não se furtou de imputar a Lima Barreto a alcunha de escritor apressado, que não corrigia o que escrevia, além de tê-lo acusado de desconhecer muitas das normas do português padrão. Contudo, o que podemos perceber por meio da leitura das edições publicadas em vida do autor, assim como por meio da leitura do manuscrito não inteiramente autógrafa do *Isaias* é que Lima Barreto, ao contrário do que muitos dizem, fez várias modificações no texto do *Isaias* até a última edição que saiu durante a sua vida. Essas modificações são tão numerosas que estão exigindo de nós um grande esforço para que consigamos registrá-las todas e, curiosamente, alguns dos “erros” que aparecem nas edições impressas não estão presentes no manuscrito, o que nos faz aqui reforçar que o trabalho de recuperação de testemunhos, de marcas da transmissão textual e o estudo de etapas do processo de criação contribuem para a valorização do autor e de sua obra. Quem examinar o trabalho do autor presente nas rasuras, substituições, acréscimos que empreendeu em seus textos, e que – esperamos – a edição crítico-genética tornará visível ao público leitor, nunca mais chamará Lima Barreto de escritor desleixado e apressado.

Está escrito, em um artigo intitulado A história hoje: dúvidas, desafios, propostas de Roger Chartier, que: “[...] como um demiurgo, o artista, o filósofo ou o sábio inventa, contudo, em meio ao constrangimento.” [...] (LOPES, 1994, p. 107).

Todo o artista, todos nós – melhor dizendo – vivemos em meio a constrangimentos, mas a vida – que dizem ser a maior das artes – nos mantém vivos.

Lima Barreto criou perceptos, Literatura com L maiúsculo, que nos faz ainda perceber, sentir a beleza presente nos céus e nas ruas do Rio do início do século XX, assim como as alegrias, as tristezas por que passou *Isaias* e por que passam Antonio, Maria e muitos de nós. E nos faz lamentar, como no final da leitura de *Recordações do Escrivão Isaias Caminha* a estupidez humana que nem sequer percebe que “a nossa humanidade já não sabe ler nos astros os destinos e os acontecimentos”. Aliás, o que um grande escritor como Lima Barreto tem por ofício sentir, saber e fazer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS BARBOSA, Francisco de. *A vida de Lima Barreto*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

CAFEZEIRO, Edwaldo. *Discurso e texto: dimensão cidadã do português brasileiro e africano*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.

CARVALHO E SILVA, Maximiano. *Crítica textual: conceito-objeto-finalidade*. Disponível em: <<http://www.maximianocsilva.pro.br/doc7.htm>>. Acesso em: 19-11-2012.

CASTRO, Ivo. *Editar Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990.

_____. Enquanto os escritores escreverem (Situação da crítica textual moderna). Conferência plenária do IX Congresso da ALFAL. Campinas, 1990. Mimeo.

DELEUZE, Gilles. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Parte 2: De G a L/L' abécédaire de Gilles Deleuze. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=HxS2e7wpaAA>>. Acesso em: 25-11-2012.

DUARTE, Luiz Fagundes (ed.). *A capital!* Edição crítica das obras de Eça de Queirós. Lisboa: Casa da Moeda, 1992.

BARRETO, Lima. Recordações do escrivão Isaias Caminha. *Revista Floreal*. Rio de Janeiro, Anno I, 1907 [parte inicial].

_____. *Recordações do escrivão Isaias Caminha*. Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira & Cia, 1909.

_____. *Recordações do escrivão Isaias Caminha*. 2. ed. Rio de Janeiro: Typ. Revista dos Tribunaes, 1917.

_____. *Recordações do escrivão Isaias Caminha*. 2. ed. Rio de Janeiro: A. de Azevedo & Costa Editores, 1917.

_____. *Recordações do escrivão Isaias Caminha*. São Paulo: Brasilien-se, 1956.

_____. *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*. 403 folhas. Coleção Lima Barreto. Acervo da Seção de Manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional-RJ. Localização do Manuscrito: 20,2,10. [Microfilme do manuscrito].

LOPES, J. *A história hoje: dúvidas, desafios, propostas de Roger Chartier*. Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1966/1105>>.

Acesso em: 25-11-2012.

REIS, Carlos; CUNHA, Maria do Rosário. *O crime do padre Amaro*. Edição crítica das obras de Eça de Queirós. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.